

ENTREVISTA RADIOFÔNICA: A DESCONSTRUÇÃO DA CRENÇA DO “BEM FALADO” E DO “MALFALADO” EM UMA PROPOSTA SOCIODISCURSIVA DE ENSINO

KLAUBER FRANCO DE SOUZA*

Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil.

SIMONE AZEVEDO FLORIPI**

Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

Recebido em: 10 mar. 2018. Aprovado em: 5 jun. 2018.

Como citar este artigo: SOUZA, K. F.; FLORIPI, S. A. Entrevista radiofônica: a desconstrução da crença do “bem falado” e do “malfalado” em uma proposta sociodiscursiva de ensino. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 75-92, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n2p75-92

Resumo

Desenvolvemos este estudo em uma escola pública do Distrito Federal com o objetivo de analisar e comparar as entrevistas produzidas por estudantes do

* E-mail: klauber8@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1874-879X>

** E-mail: simone.floripi@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9584-6302>

ensino fundamental com outros exemplares do meio jornalístico para levá-los a desconstruir a crença do “bem falado” e do “malfalado”. Tendo em vista esse objetivo, organizamos este artigo em três partes. Inicialmente, tecemos algumas considerações sobre as principais contribuições da abordagem sociodiscursiva de Bakhtin (1997). Em seguida, discorreremos sobre a entrevista radiofônica e, para isso, recorreremos a Araújo (2013), Farneda (2007), Ferraretto (2014) e Prado (1989), entre outros. Por último, apresentamos as atividades elaboradas para o trabalho com o gênero e analisamos o resultado alcançado com a sua aplicação.

Palavras-chave

Entrevista radiofônica. Abordagem sociodiscursiva. Crenças.

A ABORDAGEM SOCIODISCURSIVA NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN

Nessa seção, discorreremos sobre a abordagem sociodiscursiva de Bakhtin (1997), à qual nos filiamos para elaborar as atividades com o gênero entrevista radiofônica.

As atividades humanas se relacionam ao uso da língua por meio dos gêneros. Bakhtin (1997, p. 279) afirma que qualquer enunciado isoladamente é individual, mas que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que indica ser os gêneros do discurso. Ainda de acordo com ele, a língua é utilizada em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que provêm dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Bakhtin (1997, p. 279) destaca três elementos que constituem indissolivelmente os enunciados.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Como o autor afirma, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão profundamente relacionados e não deveriam ser dissociados.

Nas atividades que elaboramos para a análise da entrevista radiofônica, procuramos explorar cada um desses aspectos do gênero. Em todas as entrevistas usadas, procuramos analisar os três aspectos constituintes do gênero para que os estudantes percebessem sua presença em todos os exemplares.

Conforme indica Bakhtin (1997, p. 284), o gênero é um “dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”. Para que os educandos pudessem perceber esse caráter relativamente estável do gênero, selecionamos exemplares da entrevista radiofônica que foram analisados de forma comparativa por eles.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 163), Bakhtin considera “os gêneros a partir de sua historicidade e lhes atribui a mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica) ao tomá-los como tipos históricos”. Rodrigues (2005, p. 164) destaca que a noção de gênero de Bakhtin contempla

[...] uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes.

Discutindo as ideias de Bakhtin, Rodrigues (2005, p. 164) ressalta que o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação. Afirma que os gêneros correspondem a situações de interação verbal típicas (mais ou menos estabilizadas e normativas), estando vinculados a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social, tendo uma finalidade discursiva e sua própria concepção de autor e destinatário.

Segundo Bakhtin (1997, p. 290), os interlocutores são compelidos a posicionar-se por meio de um ato individual e responsável em relação a tudo que não é “eu” e em relação ao outro. Defende que na interação tem de haver uma atitude responsiva ativa. Essa ideia tem permeado os estudos que levam em conta o social e o discursivo.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Bakhtin (1997, p. 325) ressalta o aspecto social dos gêneros discursivos, afirmando que o fato de possuir um destinatário, de dirigir-se a alguém, é uma

característica constitutiva do enunciado, sem a qual não existe, e não poderia existir, enunciado. Segundo ele, as diferentes formas típicas de dirigir-se a alguém e as diferentes concepções típicas do destinatário são as peculiaridades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.

Na perspectiva de Bakhtin (1997, p. 320), todo enunciado, além do objeto de seu conteúdo, sempre responde, de uma forma ou de outra, a enunciados anteriores do outro.

O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Nessa perspectiva, os interlocutores não podem ser tomados como caixas vazias de emissão e de recepção de mensagens, mas precisam ser considerados como sujeitos plenos ou preenchidos, ou seja, como seres sociais, históricos, culturais.

A concepção de Bakhtin sobre a linguagem e sobre a vida é dialógica. Refletindo sobre as contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso, Barros (2007) procura separar as duas concepções de dialogismo que permeiam os escritos de Bakhtin: uma é o dialogismo entre os interlocutores e outra é o dialogismo entre os discursos.

Barros (2007, p. 31) afirma que, nas duas concepções de dialogismo, Bakhtin insiste no fato de que o discurso não é individual, pois se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais. Também não é individual porque mantém relações com outros discursos.

No que se refere ao dialogismo entre os interlocutores, Barros (2007, p. 27) cita quatro aspectos que decorrem do fato de Bakhtin fazer a opção pelo social: 1. o fato de a interação entre os locutores ser o princípio constitutivo da linguagem; 2. o fato de o sentido do texto e a significação das palavras serem dependentes da relação entre os sujeitos; 3. o fato de a intersubjetividade ser anterior à subjetividade; 4. e o fato de existirem dois tipos de sociabilidade: entre sujeitos e dos sujeitos com o grupo social.

Já no que diz respeito ao dialogismo entre os discursos, Barros (2007, p. 31) procura elucidar alguns pontos presentes nos escritos de Bakhtin. Primeiro, que, para Bakhtin, as relações do discurso com a enunciação, com o contexto sócio-histórico ou com o “outro” são relações entre discursos-enunciados. Outro esclarecimento – feito pela autora – é que o dialogismo leva para o texto o sentido de um “tecido de muitas vozes” ou de muitos textos ou discursos que se entrecruzam, se completam, se respondem ou polemizam entre si no interior do texto. Dessa forma, é preciso diferenciar o dialogismo interno ao texto das relações que se podem estabelecer externamente entre textos. A última observação refere-se ao caráter ideológico dos discursos definidos. Como nos discursos falam diferentes vozes que revelam

[...] a compreensão que cada classe ou segmento de classe tem do mundo, em um dado momento histórico, os discursos são por definição, ideológicos, marcados por coerções sociais (BARROS, 2007, p. 31-32).

Refletindo sobre as ideias de Bakhtin, Barros (2007, p. 32) destaca que, para ele, a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra, mas complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos. Barros (2007, p. 33) conclui que, para Bakhtin, a linguagem pensada como língua ou como discurso é essencialmente dialógica. Nessa mesma perspectiva, para Bakhtin (1979, p. 268 apud BARROS, 2007, p. 33), ignorar a natureza dialógica é o mesmo que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida.

A ENTREVISTA RADIOFÔNICA

Existe um formato ou gênero que recebe o nome de entrevista jornalística e que, de acordo com sua propagação em suporte papel ou por meios eletrônicos, é escrita, televisiva ou radiofônica (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 28). A partir dessa afirmação, podemos observar que a entrevista radiofônica é um dos diferentes tipos de entrevista que pertencem à esfera jornalística e que se define como gênero por meio do seu suporte.

Nessa perspectiva, o rádio, como afirma Araújo (2013, p. 8), não modifica o sentido dos textos que são veiculados nele, mas define os gêneros. Segundo o autor, o rádio é “um suporte virtual convencional” (ARAÚJO, 2013, p. 8). Nele não há as imagens da televisão nem é possível fazer releituras como no

jornal impresso. Esses traços, ausentes no rádio, fazem com que a entrevista radiofônica se diferencie das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Na entrevista, o diálogo, segundo Araújo (2013, p. 9), possui um modo bem definido e conhecido por seus participantes e é instaurado, geralmente, por dois atores, cujas funções estão bem determinadas:

[...] um que se acredita dominar o conteúdo que está na pauta da entrevista e outro que, a partir do conhecimento superficial que adquiriu sobre o tema, conduz o debate, tentando facilitar, por perguntas, o descobrimento de novas informações sobre o assunto.

Na entrevista radiofônica, esse diálogo adquire um caráter público, pois é construído essencialmente com o intuito de “difundir uma informação” e “satisfazer o anseio que o ouvinte tem por determinado assunto” (ARAÚJO, 2013, p. 9).

Com diretrizes teóricas semelhantes, Farneda (2007, p. 2) afirma que a entrevista radiofônica é um gênero jornalístico produzido no “encontro de um entrevistador (jornalista) e um entrevistado (especialista em um assunto em particular), cujo interesse é fazer falar o *expert* a respeito dos diferentes aspectos de uma questão” e, desse modo, transmitir “as informações fornecidas, por essa interação, a terceiros”. O gênero contém “um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário”, ou seja, dos terceiros, do público a quem pretende comunicar (FARNEDA, 2007, p. 2).

A partir do que foi exposto nas definições de Araújo (2013) e Farneda (2007), podemos constatar que, ao usar o termo entrevista radiofônica, estamos nos referindo ao processo ou ao produto do diálogo entre duas ou mais pessoas, transmitido pelo rádio, em que o(s) entrevistador(es) faz(em) perguntas ao(s) entrevistado(s), e que geralmente procura(m) abordar informações de interesse para o seu público ouvinte. Processo ou produto, porque a conversa entre entrevistador e entrevistado, no momento em que ocorre, é entrevista, da mesma forma como o seu resultado, ou seja, o produto transmitido pelo rádio.

Qual seria o objetivo de uma entrevista radiofônica? Robert McLeish (apud FERRARETTO, 2014, p. 174) observa que

[...] o objetivo de uma entrevista é fornecer, nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão no que diz respeito à validade do que está sendo dito.

A estrutura do gênero, conforme Baltar (2012, p. 98), em todos os tipos de entrevista, permanece a mesma. De acordo com ele, os itens modificados são o tema, a duração e o ritmo de cada parte. No que se refere à entrevista radiofônica, tanto a abertura quanto o encerramento são realizados pelo entrevistador (GREATBATCH apud FARNEDA, 2007, p. 2). Esses dois elementos essenciais da estrutura do gênero, segundo Prado (1989, p. 67-68), devem ser breves.

Dependendo do tipo e da finalidade da entrevista, a abertura poderá conter elementos como: uma saudação entre entrevistador e entrevistado (STEWART; CASH, 2015) e uma saudação unilateral deles com os ouvintes¹; uma apresentação do entrevistado e do entrevistador (BALTAR, 2012, p. 98); uma breve apresentação do tema e uma justificativa do motivo da entrevista (BALTAR, 2012, p. 98), entre outros elementos.

Os aspectos supracitados podem aparecer ou não na abertura da entrevista. Nessa parte da estrutura do gênero, alguns elementos parecem ser estáveis e outros, “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Desse modo, o gênero exige a apresentação do entrevistado e do assunto para que os ouvintes possam compreender o que estão acompanhando e quem está falando; exige também a saudação inicial entre entrevistado e entrevistador. Já os outros elementos supracitados são facultativos. Nesse sentido, não é sempre que entrevistado e entrevistador se lembram de fazer uma saudação ao ouvinte, da mesma forma como não é sempre que o entrevistador se apresenta, conforme pudemos observar nos exemplares transcritos² para a aplicação da nossa proposta de ensino.

O núcleo da entrevista, segundo Baltar (2012, p. 98), está na fase de perguntas e respostas, pois é nela que pode ocorrer o diálogo. De acordo com Prado (1989, p. 62-67), as perguntas devem suceder-se logicamente; pode-se repetir com frequência o nome do entrevistado, com o objetivo de identificá-lo e de apresentá-lo às pessoas que vão ligando o rádio; e o entrevistador deve fazer perguntas claras, curtas e precisas para lograr respostas exatas. Nessa etapa da estrutura do gênero, encontramos também alguns elementos obriga-

1 Embora não tenhamos encontrado sugestões teóricas semelhantes, acreditamos que a saudação aos ouvintes seja importante para que ocorra a aproximação com o público. Denominamos saudação unilateral em consonância com Prado (1989, p. 58), que identifica o fluxo comunicativo do diálogo de entrevistado e entrevistador como interpessoal e bidirecional; já o fluxo com os ouvintes, quando não há a sua participação no programa, é denominado unidirecional.

2 Os exemplares citados podem ser consultados em <<https://www.tumblr.com/blog/arquivosradiointeracao>>.

tórios e outros facultativos. Assim, a fase de perguntas e respostas exige que os questionamentos sejam realizados pelos entrevistadores e que terminem com uma interrogativa; exige também que o entrevistado dê apenas as respostas (GREATBATCH apud FARNEDA, 2007, p. 2). No entanto, é facultativo que o entrevistador apresente o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes.

Já o encerramento deve ser breve e seu efeito pode ser o da redundância, no qual podem ser destacados os aspectos mais importantes da entrevista (PRADO, 1989, p. 63). Diferentes elementos podem entrar em sua composição: a repetição do nome do entrevistado e do tema abordado (PRADO, 1989, p. 67); uma concisa recapitulação dos assuntos abordados na entrevista (BALTAR, 2012, p. 98); a repetição de aspectos da última resposta (PRADO, 1989, p. 63); um breve agradecimento à fonte e ao público (BALTAR, 2012, p. 98); a despedida entre entrevistador e entrevistado, e a despedida unilateral deles com os ouvintes.³

Como na entrevista radiofônica há a presença direta de pelo menos duas vozes, Araújo (2013, p. 11) alerta que o estudo de sua construção composicional precisa avaliar “o modo como, formalmente, está organizado o diálogo nessa interação verbal”. Nessa perspectiva, Greatbatch (1988 apud FARNEDA, 2007, p. 2), concebe a entrevista radiofônica com o seguinte formato:

- pré-alocação dos turnos: entrevistador e entrevistado ocupam posições assimétricas;
- o participante deve respeitar a agenda de perguntas previstas pelo jornalista;
- os turnos de perguntas devem sempre terminar por uma interrogativa;
- o entrevistado dá apenas as respostas;
- o entrevistador não formula expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstendo-se de formar opinião contra ou a favor do entrevistado;
- a abertura e o fechamento da entrevista devem ser feitos pelo entrevistador;
- a entrevista tem de passar a ideia de neutralidade, pois o interessado é o público (GREATBATCH apud FARNEDA, 2007, p. 2).

O conteúdo temático das entrevistas radiofônicas está relacionado à rotina produtiva dos jornalistas. Na rotina dos jornalistas, segundo Wolf (2003, p. 190-196), existe um conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, entre um número

3 Apesar de não termos encontrado sugestões teóricas semelhantes, acreditamos que a despedida aos ouvintes seja importante para que ocorra uma aproximação com o público. Essa despedida é unilateral, quando não se tem a participação do ouvinte no programa.

indefinido de fatos, uma quantidade finita para ser noticiada. Nesse meio, existem valores/notícia, ou seja, critérios de seleção que funcionam como linhas-guia para a definição do que deve ter visibilidade por meio da mídia.

Para Wolf (2003, p. 195-196), “na seleção dos acontecimentos a transformar em notícias, os critérios de relevância funcionam conjuntamente”. São as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores/notícias que conduzem à seleção de um fato. Outro aspecto geral é que “os valores/notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção”, ou seja, participam também das operações posteriores à seleção das notícias (WOLF, 2003, p. 196).

Os valores/notícia são originados “de pressupostos implícitos ou de considerações relativas”, conforme Wolf (2003, p. 200), “às características substantivas das notícias, ao seu conteúdo”, entre outras categorias. Em relação às características substantivas das notícias, isso diz respeito ao acontecimento a ser transformado em notícia. Segundo Wolf (2003, p. 200), “os critérios substantivos articulam-se, essencialmente, em dois fatores: a importância e o interesse da notícia”. E a importância é determinada por quatro variáveis: o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; e a relevância e significância do acontecimento quanto à evolução futura de determinada situação.

Em relação ao estilo verbal, Araújo (2013, p. 14) garante haver o predomínio das formas pronominais de primeira e de segunda pessoa do singular. O autor conclui que isso é “reflexo evidente da situação discursiva instaurada no gênero” em que duas pessoas estão em diálogo direto, e também da “tendência da variedade linguística usada neste gênero aproximar-se do uso menos monitorado e espontâneo da língua” (ARAÚJO, 2013, p. 14).

Apesar disso, Araújo (2013, p. 15) alerta que é preciso considerar que, na entrevista radiofônica, “o falante é sensível à realidade linguística instaurada neste gênero e tende a se ater um pouco mais ao modo como fala”. O autor adverte que dentro dos grupos de marcadores conversacionais da entrevista radiofônica podem ser encontrados traços que apontam para um monitoramento linguístico, tais como repetições de palavras ou grupo de palavras; e também pausas na fala.

O texto radiofônico, conforme Poletto (apud WESTPHALEN, 2006, p. 63), é produzido a pelo menos duas mãos: locutor e ouvinte; da mesma forma

como “se dá o comportamento discursivo de um, há reação na linguagem e no comportamento do outro”. Ainda que silencioso, o papel do ouvinte pode alterar forma e conteúdo: “conforme o locutor percebe que sua audiência poderá modificar sua performance e seu texto” (POLETTO apud WESTPHALEN, 2006, p. 63). Nessa perspectiva, é possível perceber que a programação de uma rádio é arquitetada a partir do receptor pressuposto. A linguagem, os temas discutidos e até mesmo o modo de se comunicar dependem, essencialmente, do público-alvo.

Araújo (2013, p. 13) não acredita que o uso linguístico de “uma mídia de ampla difusão e expressividade” possa ser “exatamente igual ao uso comum, rotineiro e casual” em que “não se observa preocupação com a fala”. O autor afirma que

[...] diante dessa situação de enunciação, o falante tende a monitorar, ainda que discretamente, sua fala a fim de alcançar um padrão linguístico que esteja de acordo com um meio de maior prestígio e desenvolvimento tecnológico, como é a rádio (ARAÚJO, 2013, p. 13).

Quanto ao estilo verbal, a entrevista radiofônica pode ser mais ou menos monitorada. O público, o entrevistado, o tema são alguns elementos do gênero que podem levar a essa variação. O estilo depende, assim, da situação comunicativa que envolve a entrevista.

A PROPOSTA DE ENSINO E A ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO

Inicialmente, antes do contato com os exemplares de entrevista radiofônica, os estudantes produziram, entre eles, algumas entrevistas que foram gravadas e transcritas.

Posteriormente, realizamos um trabalho comparativo com vários exemplares⁴ que foram escutados e entregues, em formato impresso, aos estudantes.

4 Os áudios dos exemplares que usamos em nossa proposta de ensino estão disponíveis em:
Entrevista sobre escolha profissional: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/entrevista-sobre-escolha-profissional-com-a-consultora-e-conciliadora-de-imagem-a-andreia-azevedo>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
Entrevista sobre gravidez na adolescência: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/radio-globo-entrevista-gravidez-na-adolescencia>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
Entrevista sobre intolerância religiosa: <<http://radios.ebc.com.br/reporter-rio/edicao/2016-11/caminhos-para-combater-intolerancia-religiosa-no-brasil>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

Como nos filiamos à abordagem sociodiscursiva, procuramos realizar um trabalho com os elementos constituintes do gênero definidos por Bakhtin (1997): o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Nesse sentido, as atividades propostas foram compostas por questionamentos que ajudaram a perceber o caráter “relativamente estável” das entrevistas (BAKHTIN, 1997).

Para responder às perguntas, usamos a estratégia de um jogo entre equipes. O desafio do jogo era levar os estudantes a produzirem respostas válidas para os questionamentos propostos. Quando conseguiam oferecer respostas coerentes, ganhavam determinada pontuação. Essa atividade possibilitou aos educandos interagirem bastante, levando-os a dialogarem e a discutirem as suas ideias. A seguir, apresentamos os questionamentos realizados:

1. Qual é o assunto principal da entrevista?
2. Por qual razão essa entrevista foi produzida?
3. Quem é o(a) entrevistado(a)? Qual é o cargo ou a profissão que ele(a) ocupa? Há relação entre o assunto da entrevista e o cargo ou a profissão ocupada?
4. Que público o tema da entrevista pode atrair?
5. O(A) entrevistado(a) emite alguma opinião/posição sobre o assunto? Em caso positivo, qual é a opinião/posição assumida?
6. E o(a) entrevistador(a), emite alguma opinião/posição sobre o assunto? Em caso positivo, qual é a opinião/posição assumida?
7. O assunto em questão está sendo discutido atualmente na mídia? Justifique.
8. O(A) entrevistador(a) faz a apresentação do entrevistado e do tema na abertura da entrevista? Como ele(a) faz isso? Essa informação é dispensável ou não para a compreensão dos ouvintes?
9. Há cumprimentos na abertura da entrevista entre entrevistador(a), entrevistado(a) e ouvintes? Em caso positivo, como isso é realizado?
10. Geralmente, o entrevistador prepara um roteiro de perguntas. Entretanto, dependendo das respostas, ele pode improvisar e fazer perguntas que não estão no roteiro. Você acredita que isso ocorreu nessas entrevistas? Se sim, em que parte?

Entrevista sobre intolerância: <<https://soundcloud.com/wolf-fedro/entrevista-sobre-o-livro-raizes-da-intolerancia-radio-mec-programa-todas-as-vozes-15>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

Entrevista sobre racismo: <<http://radios.ebc.com.br/revista-brasil/2017/08/especialista-fala-sobre-o-racismo>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

11. O(A) entrevistador(a) apresenta o(a) entrevistado(a) mais de uma vez aos ouvintes? Por que essa repetição é necessária?
12. O(A) entrevistador(a) faz uma pergunta ou encadeia várias por vez? O que parece ser melhor para o(a) entrevistado(a) e para o ouvinte?
13. O(A) entrevistador(a) faz um fechamento da entrevista? Como ele(a) a conclui?
14. No encerramento, há agradecimentos e despedidas entre entrevistador(a), entrevistado(a) e ouvintes?
15. Observe e cite algumas marcas da linguagem oral:
 - a) repetições;
 - b) pausas;
 - c) palavras e frases cortadas.

Começamos o jogo. Algumas questões foram respondidas com mais facilidade, como o questionamento sobre o assunto principal e também aquele sobre a relação entre o assunto da entrevista e o cargo ou a profissão ocupada pelo entrevistado.

A questão que buscou sondar os possíveis públicos das entrevistas permitia formular muitas respostas, e aceitamos quando era identificado pelo menos um. No entanto, buscamos oralmente completá-las por meio de construções coletivas com os estudantes.

Notamos que os educandos encontraram mais dificuldades para responder às questões que demandavam a identificação da opinião ou posição assumida pelo entrevistado e pelo entrevistador. Entretanto, por meio de nossas intervenções, conseguiram perceber isso.

Os jovens não responderam imediatamente à pergunta que exigia que eles percebessem se o assunto das entrevistas estava ou não sendo discutido atualmente na mídia. Como estávamos no laboratório de informática, solicitamos que, em duplas, fizessem uma busca avançada no Google sobre o assunto, com o filtro no período de um mês, para que observassem aquilo. A maioria não sabia fazer isso, assim, foi necessário explicar passo a passo aos aprendizes como proceder. A partir da pesquisa, perceberam que os assuntos estavam na agenda dos veículos de comunicação.

Os estudantes puderam observar alguns elementos que parecem ser mais “estáveis” e outros que são “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Desse modo, puderam perceber a exigência da apresentação do entrevistado e

do assunto para a compreensão, pelos ouvintes, daquilo que estavam acompanhando, e da saudação entre entrevistado e entrevistador na abertura de todas as entrevistas. Puderam entender também que não é sempre que o entrevistado e o entrevistador se lembram de fazer uma saudação ao ouvinte, assim como não é sempre que o entrevistador se lembra de apresentar o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes.

Os questionamentos que demandavam do estudante que observasse se o entrevistador fazia uma pergunta por vez e o outro que buscava perceber a maneira como ele fechava a entrevista foram respondidos por eles com mais facilidade graças à ajuda das transcrições. Os jovens encontraram nos exemplares entrevistadores que faziam uma pergunta por vez e outros que faziam encadeamentos de várias perguntas. Comparando as duas maneiras, perceberam que fazer uma pergunta por vez é melhor para o entendimento do entrevistado e do ouvinte.

A pergunta que ofereceu mais dificuldade aos educandos para ser respondida foi sobre o imprevisto e a capacidade de fazer perguntas que não estão no roteiro. Eles sentiram dificuldades em encontrar marcas no texto que pudessem exemplificar a improvisação. Contudo, conseguiram identificar algumas situações.

Na última atividade, solicitamos aos jovens que procurassem marcas da linguagem oral: repetições, pausas, palavras e frases cortadas. A fidelidade das transcrições ao áudio contribuiu bastante para auxiliar os estudantes na identificação dessas marcas.

As entrevistas produzidas pelos estudantes, anteriormente à realização de atividades com o gênero, foram gravadas, transcritas e usadas para efetuar uma análise comparativa com outros exemplares no que se refere ao estilo verbal adotado. Essa análise foi guiada por questões diretivas que os conduziram à percepção de que eles são usuários legítimos da língua portuguesa. Nesse sentido, a realização dessa análise teve por objetivo fazer com que os aprendizes percebessem as marcas de variações linguísticas nas entrevistas, dentro do *continuum* de maior e menor monitoramento (BORTONI-RICARDO, 2004), como fatos linguísticos próprios do gênero estudado.

Antes da análise comparativa, foram feitos, oralmente, alguns questionamentos aos estudantes para observar as crenças atreladas às atitudes deles diante das variedades linguísticas. A seguir, expomos as perguntas que usamos para atingir esse fim.

1. Como você avalia o uso do “a gente” na fala?
2. Como você percebe o uso das formas contraídas na fala: “né”, “pra(s)”, “pro(s)”?
3. Como você julga o uso de gírias nas entrevistas?

Notamos que a maioria deles avaliou o uso de “a gente” com naturalidade – observaram que é menos formal que o “nós” e que o seu uso pede o verbo na terceira pessoa do singular. Avaliaram a forma contraída “né” como sendo um “erro” e um “vício de linguagem” que precisa ser evitado tanto na fala quanto na escrita. Ponderaram que as formas contraídas “pra(s)” e “pro(s)” devem ser evitadas nas escritas mais formais, como a redação escolar, mas não viram problemas relacionados ao seu uso na fala. Em relação ao uso de gírias, informaram depender da situação comunicativa e do grau de proximidade com o entrevistado; afirmaram que o seu uso não era recorrente, mas que podia ocorrer.

Após questionamentos como esses, foi proposta a análise de algumas marcas linguísticas presentes nas entrevistas. Para isso, foi usado um quadro⁵ analítico de marcas linguísticas presentes nas entrevistas de rádio, entregue aos estudantes em formato impresso. O objetivo era fazer com que eles desconstruíssem a ideia de “erro” e percebessem a existência da diversidade linguística em situações de maior ou menor monitoramento. No Quadro 1, apresentamos a nossa sugestão para essa atividade.

Quadro 1 – Marcas linguísticas presentes nas entrevistas de rádio

Marcas linguísticas	EN. E	E1	E2	E3	E4	E5
1. Contrações do verbo “estar” para a forma “tá”, “tô”.						
2. Uso do pronome “a gente”.						
3. Uso do “né” como contração de “não é”.						
4. Uso das formas contraídas “pra”, “pras”, “pro”, “pros”.						
5. Uso de gírias.						

* EN. E (entrevista inicial produzida pelos estudantes); E1 (entrevista 1); E2 (entrevista 2); E3 (entrevista 3); E4 (entrevista 4); E5 (entrevista 5).

Fonte: Elaborado pelo autor.

5 Esse quadro é flexível. Assim, os itens referentes ao campo das “marcas linguísticas” devem ser construídos junto com os estudantes. Além disso, é interessante que seja apresentada uma quantidade de exemplares suficiente para ampliação do campo de análise.

Ao analisarem algumas marcas linguísticas presentes nas entrevistas, os estudantes puderam observar, com exceção das gírias, a presença das contrações “tá”, “tô”, do pronome “a gente”, das formas contraídas “né”, “pra”, “pras”, “pro”, “pros” em todos os exemplares na fala do entrevistado e/ou do entrevistador. Em suas próprias produções encontramos também essas marcas e o uso de gírias, como “tipo”, “cena”, “troço”, “tals”, “saca”, “velho”.

Após a elaboração do quadro, oralmente, levamos os estudantes a perceberem a diversidade linguística a partir de alguns questionamentos, apresentados a seguir.

1. Qual é a recorrência das marcas linguísticas 1, 2, 3, 4 e 5 nas entrevistas analisadas?
2. O que a quantidade dessas recorrências indica?
3. Qual é o nível de proximidade afetiva entre os entrevistados e os entrevistadores nos diferentes exemplares?
4. Esse nível de proximidade afetiva interfere na quantidade de uso das gírias?

Mediamos o debate de modo a conduzir para a desconstrução da crença do “bem falado” e do “malfalado”, levando o estudante a perceber que para cada situação comunicativa há marcas linguísticas próprias.

Como os estudantes avaliaram a forma contraída “né” como sendo um “erro” e um “vício de linguagem” que precisa ser evitado tanto na fala quanto na escrita, questionamos o porquê de essa marca ter aparecido em todas as entrevistas e se todos os que a haviam usado tinham “errado”. Eles compreenderam, então, que não era um “erro” usar o “né” e que o seu uso era muito comum na fala. Quanto a ser considerado um “vício de linguagem”, discutimos o porquê e garantiram que o uso exagerado do “né” torna o discurso “cansativo” e de “difícil entendimento”, e que o uso monitorado se faz necessário para contornar essa situação.

Os jovens perceberam que o nível de proximidade afetiva nas suas entrevistas, produzidas com os próprios colegas de classe, era maior que o dos outros cinco exemplares. Isso levou até mesmo ao uso de gírias nas suas produções, o que não apareceu nos outros exemplares. Concluíram que o nível de proximidade afetiva interfere na quantidade e no uso de gírias pelos interlocutores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a aplicação das atividades, percebemos que os estudantes tiveram avanços significativos. No que se refere à apropriação do gênero, como isso é algo que está intrínseco ao que o indivíduo construiu de conhecimento, é difícil fazer afirmações exatas.

Entretanto, pelas observações das produções aplicadas ao início e ao fim da pesquisa, foi possível sinalizar algumas evoluções dos participantes no que se refere ao conhecimento do estilo verbal, da construção composicional e da unidade temática do gênero (BAKHTIN, 1997). Com isso, entendemos que as atividades aplicadas contribuíram para que esse progresso fosse evidente.

Como objetivo central deste estudo, buscamos levar os estudantes a analisarem e compararem suas entrevistas com outros exemplares do meio jornalístico para induzi-los a desconstruir a crença do “bem falado” e do “malfalado”. Por meio de alguns questionamentos, percebemos as crenças atreladas às atitudes que os educandos possuem diante das variedades linguísticas. A maioria deles avaliou, inicialmente, a forma contraída “né” como sendo um “erro” e um “vício de linguagem” que precisa ser evitado tanto na fala quanto na escrita.

Por meio da análise das marcas linguísticas, os estudantes encontraram as contrações “tá”, “tô”, o pronome “a gente”, as formas contraídas “né”, “pra”, “pras”, “pro”, “pros” em todas as entrevistas analisadas. Em relação às gírias, os participantes perceberam que elas apenas estavam presentes nas suas próprias produções. Além disso, notaram que o nível de proximidade afetiva tem uma relação direta com esse uso pelos interlocutores. A presença da forma contraída “né” em todas as entrevistas levou os aprendizes a compreenderem que o seu uso não é um erro, sendo muito recorrente na fala. Outro ponto refletido pelos jovens foi o fato dessa forma contraída ser considerada um vício de linguagem. Concluíram que o uso exagerado do “né” deixa o discurso “cansativo”, de “difícil entendimento” e o seu monitoramento ameniza essa situação. Diante do que foi exposto, recomendamos o trabalho com o gênero entrevista radiofônica e indicamos o desenvolvimento da proposta apresentada e aplicada em turmas do ensino fundamental. Entretanto, cabe aos professores fazer as adaptações que julgarem necessárias, conforme o contexto escolar vivido, antevendo ações que possam dar certo ou não a partir da leitura do planejamento descrito neste artigo.

As considerações apresentadas constituem-se como uma das possíveis leituras que podem ser feitas deste trabalho. Dessa forma, este estudo está aberto a novas leituras, novas significações e interpretações.

Radiophonic interview: the deconstruction of the belief of the “well spoken” and “badly spoken” in a sociodiscursive proposal for teaching

Abstract

We developed this study in a public school in the Federal District with the objective of analyzing and comparing the interviews produced by elementary students with other copies of the journalistic means to lead them to deconstruct the belief of the “well spoken” and “badly spoken”. In view of this objective, we organized this article in three parts. Initially, we made some considerations about the main contributions of Bakhtin’s sociodiscursive approach (1997). Then, we discussed about the radio interview and, for that, we used Araújo (2013), Farneda (2007), Ferraretto (2014), Prado (1989), among others. Finally, we presented the activities elaborated for the work with genre and we analyzed the result achieved with its application.

Keywords

Radio interview. Sociodiscursive approach. Beliefs.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. S. de. A entrevista radiofônica em espanhol: delimitações do gênero discursivo. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 14., 2013, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Edufu, 2013. v. 3, p. 1-16. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_724.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2016.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALTAR, M. A. R. *Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático*. São Paulo: Cortez, 2012. 163 p.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2007. 21-38 p.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 112 p.

FARNEDA, E. S. Perguntas e respostas na entrevista radiofônica. *Letra Magna: Revista Eletrônica Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, São Paulo, n. 6, p. 1-18, 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

FERRARETTO, L. A. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014. 272 p.

PÉREZ COTTEN, M.; TELLO, N. *La entrevista radial*. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

PRADO, E. *Estrutura da informação radiofônica*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1989. 104 p.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

STEWART, C.; CASH, W. *Técnicas de entrevista: estruturação e dinâmica para entrevistados e entrevistadores*. Tradução Carolina Zanon e Cássia Zanon. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

WESTPHALEN, R. B. *Entrevista radiofônica: um jogo enredado – estudo de caso do programa Gaúcha Repórter*. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens)– Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/67759153-Universidade-tuiuti-do-parana-roberta-bilibio-westphalen-entrevista-radiofonica-um-jogo-enredado-estudo-de-caso-do-programa-gaucha-reporter.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Tradução Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003. 271 p.